



EJA: PROCESSO EDUCATIVO ESCOLAR NO ENSINO DE BIOLOGIA

[1] Ananda Karine de Sousa Pereira, IFPA, anandakarinep@gmail.com

[2] Juni Baia Cardoso, IFPA, junibaiacardoso25@gmail.com

[3] Diselma Marinho Brito, IFPA, diselma.brito@ifpa.edu.br

Instituto Federal do Pará – Campus Abaetetuba / Capes /anandakarinep@gmail.com

EJA: SCHOOL EDUCATION PROCESS IN THE TEACHING OF BIOLOGY

Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educativa amparada por lei dirigida para pessoas que, por algum motivo, foram impedidas de ter acesso à educação básica enquanto jovens. Nesse contexto, foi realizada uma vivência na cidade de Abaetetuba na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof^o Leônidas Monte, cujo objetivo foi acompanhar o processo educativo da EJA com o ensino de biologia, na turma de 2^o Etapa (2^o e 3^o Ano), a partir da disciplina Vivência na Prática Educativa IV com a Prof^a Dra. Diselma Marinho Brito. Para isso foi utilizado à observação, diálogo, entrevista, anotações no caderno de campo e questionários, tendo a participação dos alunos e de uma docente que neste estudo utilizamos o pseudônimo Maria dos Milagres. Assim, foram observados alguns pontos importantes no processo educacional dessa modalidade como: o currículo no contexto escolar; o material didático: instrumento para o ensino; a formação de professores. Em vista disso, percebeu-se a importância dessa modalidade para pessoas que não puderam concluir quando mais jovem os estudos. Além disso, o esforço tanto do professor quanto do aluno para que o processo de ensino-aprendizagem fosse de qualidade, mesmo com a falta de recursos para auxiliar no ensino de biologia.

Palavras-chave: modalidade educativa; vivência; ensino-aprendizagem.

Abstract

Youth and Adult Education (EJA) is a law-abiding educational modality aimed at people who, for some reason, have been barred from access to basic education as young people. In this context, an experiment was carried out in the city of Abaetetuba at the State School of Primary and Secondary Education Prof. Leônidas Monte, whose objective was to follow the educational process of the EJA with the teaching of biology in the class of 2nd Stage (2nd and 3rd Year), from the subject Living in Educational Practice IV with Prof. Dr. Diselma Marinho Brito. For this purpose, it was used for observation, dialogue, interview, notes in the field notebook and questionnaires, with the participation of the students and a teacher who in this study used the pseudonym Maria dos



Milagres. Thus, some important points were observed in the educational process of this modality as: the curriculum in the school context; the didactic material: instrument for teaching; the training of teachers. In view of this, the importance of this modality was perceived for people who could not conclude when they were younger. In addition, the effort of both the teacher and the student to make the teaching-learning process of quality, even with the lack of resources to assist in the teaching of biology.

Keywords: educational modality; experience; teaching-learning

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educativa amparada por lei dirigida para pessoas que, por algum motivo, foram impedidas de ter acesso à educação básica enquanto jovens. De acordo com o parecer da CNE/CEB a EJA representa:

[...] uma dívida social não reparada com para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela [...] Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (BRASIL, 2000, p. 5.).

No decorrer da história, a educação do Brasil, em geral, foi tratada de forma inconsequente pelas autoridades políticas do país. A educação brasileira foi sempre colocada em planos posteriores ao crescimento econômico e interesses das classes dominantes (STRELHOW, 2010).

Em nosso país, o percurso sócio-histórico da Educação de Jovens e Adultos é marcado por enfrentamentos, lutas e embates políticos e pedagógicos, os quais, a partir da década de 1960, por meio de ações populares, tiveram na Educação Popular a principal expressão de reivindicação por uma educação de qualidade para todos, sobretudo para os grupos sociais marcados por processos de exclusão do sistema de ensino (SILVA, 2009, p. 63).

Segundo Strelhow (2010), os dados do IBGE dão uma ideia de como a educação de jovens e adultos foi tratada ao longo dos anos no Brasil. Além disso, diz que a situação atual do Brasil demonstra que ainda não conseguiu garantir, na prática, a educação à todas as pessoas, como garante a constituição. Dessa forma, o próprio declara:

“Nos dias atuais, ainda não demos a devida atenção à educação, é só olharmos para o ensino público brasileiro que encontraremos escolas sucateadas e superpopulosas, corpo docente mal remunerado, um mínimo



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

investimento numa educação de qualidade e assim por diante. É uma lástima a situação em que se encontra a educação brasileira.”

Assim, a educação como direito humano fundamental tem sido a premissa básica dos que defendem a educação para todos e alargam os sentidos da inclusão. Em se tratando de educação de jovens e adultos, no entanto, o caminho se alonga, diante de significativas conquistas legais, mas de poucas práticas expressivas (PAIVA, 2007).

Reconhecer a educação como um direito para todos os segmentos populacionais, independente de classe, raça, gênero, idade entre outros ainda faz parte da luta pela construção de uma sociedade cidadã e plural (PAIVA, 2007).

Dessa forma, a maioria dos alunos busca na escola um lugar para satisfazer suas necessidades particulares, para integrar-se à sociedade letrada, da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita. (STRELHOW, 2010).

A partir da disciplina Vivência na Prática Educativa IV com a Prof^a Dra. Diselma Brito realizamos uma prática vivenciada na cidade de Abaetetuba na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof^o Leônidas Monte, cujo objetivo foi acompanhar como se dá o processo educativo da Educação de Jovens e Adultos com o ensino de biologia, na turma de 2^o Etapa.

Tomando como base a pesquisa com princípio educativo e formativo, as atividades de campo foram realizadas durante o mês de março, com carga horária de 20 h, na qual inicialmente apresentamos uma carta de encaminhamento para a referida escola para que pudéssemos realizar a prática. Em seguida, fomos recebidos pelo coordenador pedagógico e ele nos encaminhou para uma turma de 2^o Etapa (2^o e 3^o Ano).

Como trilha metodológica para desenvolvimento da vivência, utilizamos a observação, o diálogo, a entrevista, as anotações no caderno de campo e questionário. Os sujeitos que interagiram com a vivência foram: a professora, e os alunos. Além dos alunos foi dialogado com uma docente que neste estudo utilizaremos o pseudônimo Maria dos Milagres.

Neste contexto a vivência nos propiciou compreender as dificuldades que os professores enfrentam com os alunos da EJA. Para tanto, abordaremos nesta produção os seguintes tópicos: o currículo no contexto escolar; o material didático: instrumento para o ensino; a formação de professores; os quais serão abordados a seguir.



1. Currículo no Contexto Escolar

O currículo é assegurado na educação básica no que diz respeito o Artigo 26 da vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, 20 de dezembro de 1996:

“Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos”.

Contudo, é necessário entender que a base curricular para a EJA deve ser diferenciada, isto é, baseada na realidade em que vivem os educandos. Assim, é destacado na referência à Proposta Curricular dessa modalidade, que “publica, socializa e recomenda”, elaborada por Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, com o objetivo de:

[...] promover a melhoria do ensino de EJA, por meio da oferta de referenciais, que pressupõem sua adequação às peculiaridades locais, favorecendo a revisão dos conteúdos, da elaboração de material didático e da capacitação docente, apoiando a elaboração e reestruturação das propostas curriculares das secretarias estaduais e municipais (s.p.).

Assim, ter a consciência de que o currículo não possui assuntos prontos a serem passados aos alunos. O currículo é uma construção, agregação, seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas (ARROYO, 2007).

Dessa forma, percebemos que apesar do currículo estabelecer uma base nacional comum, não significa que apenas essa base deva ser seguida. Na verdade, juntamente a ela devem ser acrescentados os contextos sociais os quais são os mais diversos dentro de uma escola, visto que ela recebe alunos de diferentes realidades e vivências.

A reflexão sobre o currículo está instalada como tema central nos projetos políticos-pedagógicos das escolas e nas propostas dos sistemas de ensino, assim como nas pesquisas, na teoria pedagógica e na formação inicial e permanente dos docentes (ARROYO, 2007).



É importante ressaltar, que cada região deveria formular o seu currículo. Isso porque, há culturas diferentes, ideais diferentes e realidades diferentes. E isso deve ser levado em conta, como destaca Ribeiro.

A escola continua sendo um espaço privilegiado de encontro e socialização, apesar de sua inadequação às necessidades desses jovens. A partir dela e dos locais onde vivem, organizam-se em grupos, vivenciam processos de aprendizagem, sociabilidade e, conseqüentemente, de afetividade. São trabalhadores, telespectadores, mães e pais, negros, brancos, consumidores, detentores de diferentes expressões artísticas e religiosas, como também portadores de necessidades especiais, entre muitos outros (Ribeiro 2004, p. 136).

Com base nesses posicionamentos e em relação ao diálogo o qual tivemos com a professora, no qual uma das perguntas foi a respeito de como ela formulava e seguia o plano de aula, a mesma responderá que segue apenas o currículo estabelecido, o qual é formulado pelo MEC (Ministério da Educação). A pergunta feita, partira das observações que fizemos em suas aulas e percebemos que em momento algum ela relacionou os assuntos da disciplina de biologia a realidade vivenciada pelos alunos. Assim, muito do que poderia despertar o interesse do educando na disciplina, pois se associaria ao que ele vive, fica omissos.

“O ensino de ciências e biologia deve proporcionar ao aluno de EJA a oportunidade de visualização de conceitos ou de processos que estão sendo construídos por ele na escola, pois a missão da educação é conduzir o crescimento intelectual, moral e ético da comunidade através de ensinamentos, exemplos, experiências levados à escola, fazendo com que cada um se conscientize e se responsabilize pelo destino da sua própria vida.” (MORAES, 2009, p. 2).

2. Material Didático: Instrumento para o Ensino

Segundo a Resolução Nº 51 de 16 de setembro de 2009 a qual dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA) e considera “a necessidade de estabelecer um programa nacional de distribuição de livro didático adequado ao público da educação de jovens, adultos e idosos, como um recurso básico, no processo de ensino e aprendizagem”. O artigo 1º dessa resolução diz no 4º parágrafo que:

“As escolas públicas de ensino médio serão beneficiadas com obras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), regido por resolução específica do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), independentemente da modalidade de ensino.”



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

O anexo dessa resolução contém o calendário de atendimento no qual dispõem os anos de aquisição e utilização dos materiais didáticos, ou seja, a “escolha trienal e distribuição integral dos livros didáticos para todas as matrículas” e a “reposição integral dos livros didáticos para cobertura das matrículas adicionais”, um planejamento de 2010 até 2017. Porém, no próprio calendário diz que será assim “sucessiva e alternadamente nos anos seguintes”.

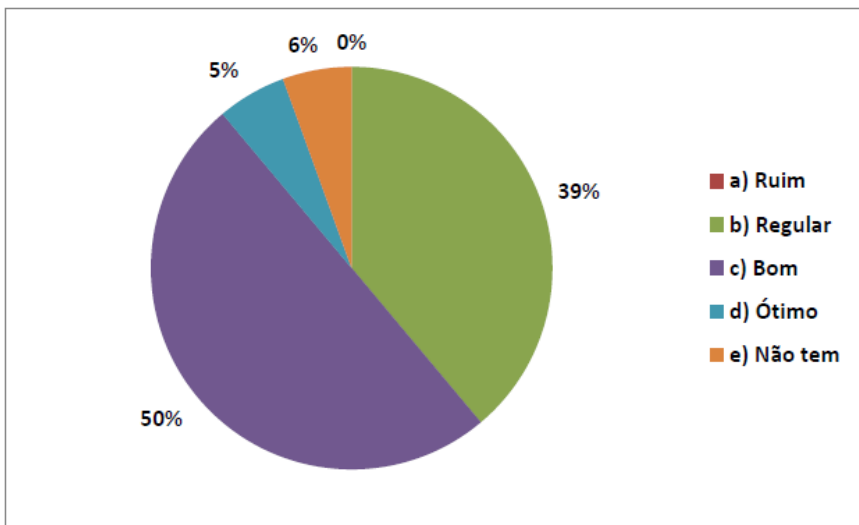
Entretanto, a professora Maria dos Milagres afirmou que a escola não tinha disponibilizado os livros didáticos para os alunos da EJA e a mesma não sabia informar quando e se disponibilizariam eles. Então, a professora copiava os assuntos no quadro e formulava atividades as quais os alunos tinham que fazer coleta de dinheiro para que ela imprimisse e repassasse para eles.

[...] O livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. [...] (SILVA, 2012, p. 806).

Além da inexistência do livro didático o qual é um dos principais instrumentos de ensino, a escola não oferece outros recursos para que possam ser aplicadas metodologias diferentes aos alunos. Sendo assim, a professora possui o quadro como o seu único recurso.

Assim, o que se verifica nas escolas públicas é a falta de materiais escolares que abrangem a realidade local em que os mesmos vivem. Logo, a maioria dos alunos da EJA classifica esse material didático como bom (50%), e regular (39%), conforme demonstrado no gráfico 1. Dessa forma, esse cenário poderá implicar futuramente no processo de ensino-aprendizagem, pois esses materiais são determinantes na aprendizagem e para tornar o assunto mais didático.

Gráfico 1 - Porcentagem da qualidade do material escolar.



Dessa maneira, subtendesse que a maioria dos educandos não sabe dos direitos que possuem como alunos. Logo, os mesmos ficam mudos diante de tal situação. Assim, cabe ao professor ser o mediador na luta dos direitos dos seus alunos. Contudo, não é o que Anísio Teixeira afirma em seu livro.

Esvaem-se em palavras, esvaímo-nos em palavras e nada fazemos. Atacou-nos, por isso mesmo, um estranho pudor pela palavra. Pouco falamos, os educadores de hoje. Estamos possuídos de um desespero mudo pela ação (Anísio Teixeira 1996, p. 107).

De acordo com o contexto acima e a vivência percebeu-se que essa descrição é condizente com a realidade que foi encontrada na escola, pois a maioria dos educadores de hoje são movidos pelas palavras e não pelas ações. Assim, não lutando para requisitar os direitos que seus alunos possuem.

3. A Formação de Professores

O professor que se propõe a trabalhar com adultos deve refletir criticamente sobre sua prática, tendo também uma visão ampla sobre a sala de aula, sobre a escola em que vai trabalhar. Tem que ampliar suas reflexões sobre o ensinar, pensando sobre sua prática como um todo. Ele precisa resgatar junto aos alunos suas histórias de vida, tendo conhecimento de que há uma espécie de saber desses alunos que é o saber cotidiano, uma espécie de saber das ruas, pouco valorizado no mundo letrado e escolar. (STRELHOW, 2010).

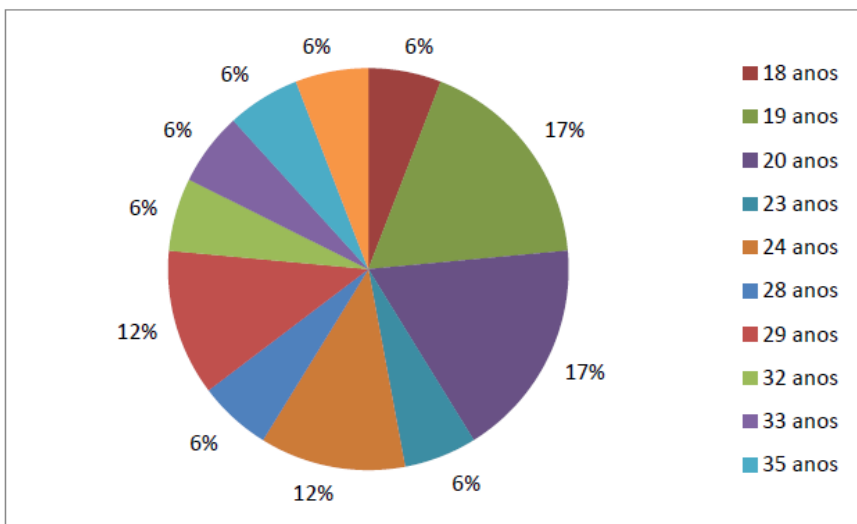
Com base nesse posicionamento, observa-se que o docente que trabalha com alunos da EJA tem que aceitar o desafio de proporcionar uma metodologia diferenciada, a qual seja relacionada com a realidade em que os educandos vivem. Além disso, deve



levar em conta o conhecimento empírico que os mesmos já possuem. Também, ter uma experiência em sala de aula para lidar com os discentes que se encontram na escola.

Nessa perspectiva é importante ressaltar que os docentes atuam em um público entre o limite da juventude e o mundo adulto. Logo, eles precisam, mesmo sem a formação adequada, dar conta de atender a necessidade tão distinta dos dois grupos. Como se observou na 2ª Etapa, onde há alunos com faixas etárias bem distintas, conforme o gráfico 2. Assim, há diferentes mentalidades, culturas e conhecimentos, os quais quando bem trabalhados podem ser utilizados para o desenvolvimento da turma. Logo, para isso o docente deve interagir com o aluno como diz Paulo Freire “educador e educando devem interagir, criando-se novos métodos de aprendizagem” (1997, p. 38).

Gráfico 2 - Porcentagem de idades na turma da 2ª Etapa da EJA.



Durante a prática, a professora Maria dos Milagres a qual acompanhamos durante a vivência relatou a seguinte frase:

A maior parte da minha vida como professora eu trabalhei a noite. No entanto, é a primeira vez que estou lhe dando com alunos da EJA. Assim, eu não posso dar um diagnóstico nem completo e nem parcial sobre o ensino nessa modalidade, mas pelo pouco que sei a nossa relação com eles sempre tem que ser com o objetivo de cativá-los, chamar a atenção de forma diferenciada para que os mesmos se interessem pela matéria. Até porque, eu não sei a realidade que eles vivem lá fora, muitos deles podem ser dependentes químicos, delinquentes, vítimas de vários tipos de violência, enfim. Então, eu não posso força-los a gostar da matéria e nem brigar com eles. Além disso, a turma contém alunos de várias idades, então eu tive que me adaptar, pois são diferentes histórias de vida, concepções, ideais e conhecimentos.



Tomando como base o relato acima percebemos que a professora tem domínio sobre a relação dela com os alunos, mas não com o ensino nessa modalidade. Logo, verifica-se que a docente não deve ter tido a chance de vivenciar esse contexto educacional na prática durante a graduação.

Considerações Finais

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino muito importante na vida daqueles que por alguma eventualidade quando mais jovens os impediram de estudar ou concluir os seus estudos. A EJA dá a essas pessoas a chance de reingressar no ensino do fundamental ao médio.

Apesar dos problemas os quais são enfrentados na EJA, como a falta de investimentos, ter acompanhado uma turma dessa modalidade nos permitiu ver que os alunos se esforçam para estar ali, visto que a maioria trabalha ou tem filhos pequenos, em que apesar de suas obrigações tem a vontade de concluir o ensino básico e talvez seguir os estudos em um curso de nível superior.

Em vista disso, ressaltamos as palavras de Strelhow (2010) quando diz: “outras motivações levam os jovens e adultos para a escola, por exemplo, a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação da capacidade e dignidade que traz auto estima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão.”

Assim, para se obter um ensino de qualidade é necessário não somente a união de alunos e professores, mas administração pedagógica, a qual é importante nesse processo de aprendizagem. Dessa forma, os educando irão conseguir alcançar os seus objetivos e terminar os seus estudos.

Como dito antes, da ausência de investimentos nessa modalidade, observamos que mesmo com a falta de recursos, isso não impede a professora de se empenhar em suas aulas e criar estratégia para que o conhecimento de biologia possa ser repassado. Portanto, a Vivência na Prática Educativa IV nos deu a oportunidade de vivenciar uma realidade diferente no campo da educação, acrescentando para a nossa formação como futuros professores.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.

MORAES, Francisco Alexando. O ensino de Ciências e Biologia nas turmas de eja: experiências no município de Sorriso-MT. Revista Iberoamericana de Educação ISSN: 1681-5653. n.48/6. 10 de mar. de 2009.

PAIVA, Jane. Educação de Jovens e Adultos: Direito, concepções e sentido. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2005.

RIBEIRO, Eliane Andrade. As juventudes do “último turno”: produzindo outsiders na educação de jovens e adultos. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2004.

SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil, Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217562362012000300006&script=sci_abstract&lng=t Acesso: 21 de abr de 2018.

SILVA, Natalino Neves. Educação de Jovens e Adultos: alguns desafios em torno do direito à educação. Belo Horizonte. n. 7 p. 61-72. 2009.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista HISTEDBR On-line ISSN: 1676-2584. Campinas. n.38, p. 49-59, jun.2010.

TEIXEIRA, Anísio. Educação é um direito. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

